

ESCREVENDO

A BIOGRAFIA DOS “OBSCUROS E ATIVOS”:

A EXPERIÊNCIA DO *DICIONÁRIO DO MOVIMENTO
OPERÁRIO NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO*

Claudio H. M. Batalha¹

A fórmula “obscuros e ativos”, que pode soar à maioria dos leitores bizarra, foi forjada por Jean Maitron (1910-1987) para designar aqueles que deveriam ter suas biografias incluídas no *Dictionnaire biographique du mouvement ouvrier français*, iniciado por ele em 1964². Maitron fazia uma distinção entre dois tipos de militante: aqueles que pertenciam às cúpulas das organizações do movimento, as lideranças do movimento operário; e aqueles que pertenciam à base,

não simples aderentes por certo, mas militantes, isto é, aqueles que, durante um tempo, lutaram, batalharam pela causa, mas, no entanto, permaneceram obscuros, os sem cargos. Se o *Dictionnaire* deu-lhes um lugar, e o maior à medida ao menos em que as fontes permitiam, é porque com demasiada frequência a ênfase na história, social ou não, é sobre os líderes, sobre aqueles que desempenharam de fato seu papel, um grande papel, mas que não correm de resto o risco de serem esquecidos [...].

[...] mas aquilo que foi silenciado ou minimizado: é o papel dos humildes, daqueles que foram, no entanto, o fermento da história, daqueles que, em 1848, 1871, 1936, foram os motores das erupções sociais, erupções que amiúde deixaram traços duráveis, reformas ou revoluções, nas nossas sociedades.³

É provável que hoje a maioria dos historiadores do trabalho considere essa divisão insuficiente – eu próprio cheguei a propor uma distinção entre lideranças, quadros intermediários e militantes de base⁴ – e é igualmente provável que se nos detivermos nas diversas modalidades de participação e militância chegaremos a uma classificação muito mais complexa, comportando um número maior de categorias. Entretanto, a questão aqui é menos discutir a adequação da classificação proposta por Maitron, mas de reter o aspecto que ele enfatiza: a possibilidade de dar vida aos obscuros. O dicionário francês buscou introduzir uma dimensão humana à história do movimento operário em um período em que os números e as estruturas reinavam absolutos na produção historiográfica; mais do que colocar os homens no primeiro plano, essa iniciativa trouxe à cena aqueles que habitualmente estavam destinados ao esquecimento, soterrados pelo silêncio da posteridade⁵.

A iniciativa de Maitron foi sucedida por uma série de outras similares em diversos países: na Grã-Bretanha, o *Dictionary of Labour Biography*, inicialmente organizado por Joyce Bellamy e John Saville, iniciado em 1971 e ainda em andamento; na Itália, o *Movimento operaio italiano: dizionario biografico (1853-1943)*, organizado por Franco Andreucci e Tommaso Detti, cujos volumes foram publicados de 1975 a 1979; na Polônia, o dicionário do movimento operário polonês, organizado por Feliks Tych, projeto iniciado nos anos 1960 e que ainda hoje prossegue. Sem falar nos diversos exemplos de dicionários biográficos do movimento operário com recorte local ou regional, centrados em determinadas correntes políticas ou englobando grupos específicos de trabalhadores.

Na França, como desdobramento do projeto de Maitron, surgiu a proposta de um dicionário do movimento operário internacional. A intenção era tornar acessíveis ao público de língua francesa versões abreviadas de dicionários já publicados do movimento operário de outros países ou até elaborá-los nos casos

em que não existiam⁶. Robert Paris ao defender a elaboração de um dicionário do movimento operário na América Latina ecoou e ampliou a preocupação – eu diria – programática do projeto de Maitron. Ao sustentar que esse não deveria conter as biografias dos homens célebres, mas as dos “obscuros e ativos”, aprofunda a discussão sobre quem teria sua biografia incluída e desafia as noções clássicas do operariado fabril europeu típico confrontadas com a realidade latino-americana⁷. Para ele, citando Jean Jaurès, o objeto do dicionário não poderia ser outro senão “a imensa multidão dos homens sobre a qual enfim se faz luz”. Isso implica em tornar preferível inserir o nome de um grevista morto do que o de algum secretário geral dos diversos partidos comunistas.

Essas características fazem com que um dicionário dessa natureza seja fadado à incompletude e permaneça sempre em aberto. À diferença de um dicionário de parlamentares, de membros da academia de letras ou, até mesmo, dos delegados aos congressos das Internacionais, em que o universo de entradas é fixo e previamente conhecido, um dicionário do movimento operário pode ter seus limites constantemente ampliados.

Além disso, um empreendimento como esse suscita outro tipo de discussão acerca daquilo que é a “classe operária”. Ao mesmo tempo em que a noção de classe não pode ser encarada como um dado apriorístico, tampouco pode haver a crença de que um conjunto atomizado de biografias possa representar a classe. Todavia, se pensarmos a classe como uma realidade histórica, fundada em práticas concretas, essas biografias nos aproximam um pouco mais da classe como manifestação empírica. Se não é toda a classe operária que estará contemplada nas biografias, essas biografias são representativas de experiências comuns que ajudam a construir a realidade da classe.

No caso brasileiro, depois de um longo período em que os estudos biográficos foram considerados um campo de jornalistas e historiadores amadores, surgiu nos últimos anos um interesse crescente entre historiadores pelo estudo das trajetórias individuais por meio de biografias, com reflexos inclusive na história do trabalho. Essa mudança de enfoque deve muito a obras como o livro de Carlo Ginzburg, *O queijo e os vermes*⁸, que mostrou como um caso singular pode servir para iluminar uma sociedade, isto é, como o particular pode servir à compreensão do geral. Assim, é natural que os estudos surgidos com base nessa perspectiva pouca semelhança guardem com as biografias tradicionais, visto que possuem o duplo objetivo de fazer uso de trajetórias individuais para entender fenômenos mais amplos e, ao mesmo tempo, articular as escolhas ideológicas e as várias identidades/lealdades desses indivíduos ao longo de suas vidas a processos coletivos.

Entretanto, há estudos que tendo precedido em vários anos a atual voga de estudos biográficos, é pouco provável que tenham sofrido a influência da

micro-história italiana (Ginzburg, Giovanni Levi e outros) mais facilmente observável na produção atual⁹. Alguns desses estudos talvez pudessem ser classificados como próximos a uma história social das ideias, caso do estudo pioneiro de Alexandre Hecker sobre o jornalista socialista italiano Antonio Piccarolo, que viveu em São Paulo, no qual o autor busca um nexo entre o socialismo moderado preconizado pelo seu biografado e a sua experiência paulistana¹⁰. Igualmente pioneiro foi o estudo de Regina Horta Duarte sobre o farmacêutico e escritor anarquista Avelino Foscolo¹¹.

Os estudos biográficos hoje parecem plenamente consolidados dentro da produção historiográfica e, possivelmente, devem perdurar a despeito de todas as dificuldades inerentes, particularmente na história do trabalho, de compatibilizar experiência individual e coletiva. Entretanto, há algumas diferenças a serem ressaltadas entre o estudo de um ou de uns poucos casos individuais de militantes e as biografias seriais presentes em um dicionário do movimento operário. Se a preocupação de certo modo é similar, o grau de aproximação é diverso quando se faz uso das histórias de vida para a compreensão de realidades mais amplas. Eric Hobsbawm chegou a usar a imagem de um microscópio e de um telescópio, para distinguir a abordagem micro-histórica da macro-histórica, enfatizando que é uma questão de escolha da técnica apropriada¹². Nesse caso uma imagem similar poderia ser usada, porque o enfoque dos estudos biográficos sobre um ou uns poucos indivíduos visa o aprofundamento dos casos particulares, com a maior riqueza de detalhe e de informação possíveis, ao passo que os dicionários biográficos voltam-se para a imagem geral propiciada pelos diversos casos particulares. Mais importante que o detalhamento, é o conjunto que interessa. Não por acaso esse tipo de abordagem tem sido às vezes chamada de biografia coletiva¹³.

Não se trata aqui de opor uma abordagem em detrimento da outra; ambas são importantes e propiciam diferentes formas de compreensão da realidade. Um mesmo autor pode recorrer a ambas sem cair em contradição – caso de Joseli Mendonça, que tendo publicado um estudo biográfico de fôlego sobre o advogado e militante Evaristo de Moraes¹⁴ não teve dificuldade em escrever um verbete infinitamente mais curto sobre o mesmo indivíduo para um dicionário. Isso não é uma novidade; Hobsbawm já mencionou exemplos de diferentes historiadores, como Emmanuel Le Roy Ladurie, Georges Duby e Edward Thompson, que recorreram em diferentes obras às duas abordagens sem que isso necessariamente implique em contradição¹⁵.

É claro que existem obras que ocupam uma faixa intermediária entre a biografia individual e os dicionários biográficos abrangentes, caso dos dicionários que reúnem um número restrito e selecionado de biografias. Há uma evidente diferença, a começar pelas dimensões dos verbetes, entre um dicio-

nário que reúna poucas dezenas de biografias e outro com várias centenas. Entretanto, é sobretudo na natureza da informação a ser buscada nesses dois tipos de obra que reside a diferença. Os dicionários compostos por biografias selecionadas inevitavelmente se concentram sobre indivíduos mais conhecidos e reconhecidos segundo este ou aquele critério, não são os obscuros. No outro caso, como enfatizei antes, quanto maior a abrangência melhor, o que significa sacrificar o detalhamento da informação. Os dicionários do movimento operário possibilitam abordagens e leituras prosopográficas das biografias neles reunidas, ou seja, torna possível visualizar o que há de comum em indivíduos de certa geração, de um grupo ocupacional particular, de determinada corrente política e assim por diante¹⁶.

Foi com base no espírito daquilo que propuseram Maitron e Paris, de dar vida aos “obscuros e ativos”, que surgiu a ideia de um dicionário do movimento operário brasileiro. Ideia que não é nova, uma vez que desde os anos 1980, eu tenho me dedicado a esse projeto. Primeiro, como aluno de Robert Paris, participando das discussões que visavam à constituição de um dicionário do movimento operário latino-americano. Em um segundo momento, já como professor da Unicamp, tentando viabilizar uma equipe e os recursos para levar adiante um projeto dessa natureza. Por fim, convencendo os pesquisadores da história do trabalho e mais tarde do Grupo de Trabalho “Mundos do Trabalho” a levar adiante esse projeto.

Por razões de ordem prática e devido à própria fragmentação do movimento operário brasileiro, pelo menos até o final da Primeira República, prevaleceu nesse projeto a concepção de núcleos estaduais ou regionais para viabilizá-lo, adotando como recorte cronológico inicial o período que se estende do século XIX até o final de década de 1920. Na prática, a fragmentação desse movimento operário no seu início não é apenas organizacional, é também cronológica: se no Rio de Janeiro, no Recife e em Salvador, cidades de tradição artesanal mais “antiga”, é possível detectar a atuação de sociedades de trabalhadores desde meados do século XIX, esse é um fenômeno somente observável décadas mais tarde em São Paulo ou no Rio Grande do Sul. Em outras palavras, durante esse período a própria cronologia sofrera variações geográficas.

A primeira iniciativa bem-sucedida nessa direção foi a pesquisa para um Dicionário do Movimento Operário no Rio Grande do Sul, reunindo uma rede de pesquisadores gaúchos e coordenado por Beatriz Loner, Benito Schmidt e Silvia Petersen. Desse trabalho resultou um volume, cuja edição está sendo preparada. Minha própria pesquisa propiciou a elaboração de um Dicionário do Movimento Operário na cidade do Rio de Janeiro¹⁷, que, apesar de contar com algumas colaborações, não teve as mesmas características de

um trabalho coletivo como a experiência gaúcha. Além disso, com diferentes graus de desenvolvimento, estão hoje em andamento a preparação de volumes para o estado de São Paulo, coordenado por Edilene Toledo e Luigi Biondi, e para Minas Gerais, coordenado por Lucília de Almeida Neves Delgado, e cogita-se em volumes para o Norte e Nordeste, o Centro-Oeste, e os estados do Paraná e de Santa Catarina.

Uma diferença importante do dicionário brasileiro (ou pelo menos da maioria dos volumes em preparação) com respeito a outros exemplos internacionais, é que, além de comportar verbetes biográficos, contará também com verbetes de organizações. Particularmente, para o caso do período que vai até 1930, isso se justifica pela dificuldade enfrentada por todos os pesquisadores de acompanhar as diversas organizações que surgem e desaparecem e pela ausência de levantamentos completos e confiáveis. Além disso, a participação nessas organizações é um dos critérios adotados para a escolha de indivíduos, cujos nomes constam das entradas biográficas.

Figuram no *Dicionário* do Rio de Janeiro verbetes biográficos de trabalhadores, em sua maioria composta por militantes do movimento operário, mas também há entradas de políticos, médicos, advogados, jornalistas, militares, que tiveram atuação junto aos trabalhadores. O termo militante foi usado aqui em um sentido amplo, designando diferentes comprometimentos com o movimento operário e opções ideológicas diversas. Há espaço nesses verbetes do *Dicionário* tanto para revolucionários como para conservadores; para aqueles que dedicaram anos de suas vidas ao movimento, mas também para aqueles que tiveram um envolvimento fugaz. Algumas das entradas biográficas, portanto, são de indivíduos que, longe de constituírem militantes típicos, teriam permanecido anônimos não fosse por uma ocorrência policial ou uma notícia de jornal que os resgatou para a posteridade. Vários dos verbetes produzidos não se referem a indivíduos que tenham desempenhado papéis centrais na história da classe operária ou mesmo na de suas categorias, mas que ilustram a diversidade de trajetórias e engajamentos dos trabalhadores. Entretanto, não há qualquer pretensão nesse projeto de incluir a totalidade do universo de trabalhadores.

No volume que coordenei, a estrutura dos verbetes biográficos na sua parte inicial consiste em: sobrenome, nome, acompanhado de outras grafias do nome e dos pseudônimos e alcunhas; dados sobre local e data de nascimento e morte; cor/origem étnica/nacionalidade; profissão(ões) e orientação política. Segue o corpo do verbete com informações sobre a vida e a atuação do biografado. Em seguida, as listas de eventuais obras escritas pelo biografado. E, finalmente, as fontes utilizadas na elaboração do verbete. Quando os verbetes não são de minha autoria exclusiva, os nomes dos autores vêm logo em seguida.

Entretanto, convém enfatizar que os verbetes fogem, na maior parte dos casos, daquilo que costuma ser uma biografia formal. Ainda que este *Dicionário* tenha uma dimensão biográfica, apenas uns poucos verbetes efetivamente reúnem informações que os aproximem de uma biografia formal. Em muitos casos, está mais próximo de uma listagem de militantes do movimento operário do século XIX até a década de 1930, com algumas informações sobre suas atuações. Não há qualquer ilusão de que este tipo de iniciativa possa atingir a forma de um dicionário biográfico de personalidades reconhecidas, mas sem dúvida, uma vez que é uma obra aberta que frequentemente terá que ser realimentada, é possível ampliar as informações disponíveis.

Apenas uma minoria dos verbetes tem dados sobre nascimento e morte, profissão e orientação política. É possível supor que um indivíduo que atue em um sindicato de determinada categoria exerça um ofício dentro daquela categoria, mas esse nem sempre é o caso. Assim, o procedimento adotado foi apenas designar a profissão quando havia informações seguras. O mesmo procedimento foi adotado no que diz respeito à orientação política, apenas indicando essa orientação quando ela é claramente assumida. Uma parte significativa do corpo dos verbetes resume-se à presença do indivíduo na diretoria dessa ou daquela associação, sua participação como delegado em um congresso operário e assim por diante.

Em alguns poucos verbetes aparecem dados sobre a etnia/cor dos indivíduos, quando havia indicações dessa natureza nas fontes. Tive sérias dúvidas se essas informações deveriam constar pela subjetividade dessas classificações. De modo geral, as fontes produzidas no período republicano, com raras exceções, como os prontuários policiais, silenciam sobre a cor. Todavia, pareceu-me que seria importante ressaltar a presença de negros e mulatos na constituição do movimento operário carioca, ainda que, evidentemente, seu peso seja muito maior do que as raras indicações que aparecem nos verbetes. Optei, ainda, por uma classificação por cor como fazem as eventuais fontes ao invés da classificação, hoje corrente, de afro-descendente (que a rigor engloba toda a humanidade).

Uma das questões mais polêmicas envolvendo um trabalho dessa natureza diz respeito aos critérios de inclusão de nomes. Os critérios adotados procuraram incorporar o maior número possível de militantes do movimento operário no Rio de Janeiro, assim como intelectuais, políticos, médicos, jornalistas, advogados que atuavam junto ao movimento operário. Também foram incluídos delegados a congressos realizados no Rio de Janeiro, ainda que representando associações de outras localidades, desde que tivessem alguma atuação no Rio de Janeiro, além da mera participação no congresso. Constam, igualmente, alguns colaboradores regulares na imprensa operária do Rio de

Janeiro, mesmo quando residentes em outra localidade. Porém, um dos principais critérios para transformar um nome em uma entrada biográfica foi a participação na fundação ou nas diretorias de associações operárias ou outras organizações voltadas para os trabalhadores. Também foram incluídos nomes que se destacaram em movimentos diversos como greves ou revoltas.

O critério foi incluir o máximo de informação possível sobre militantes pouco conhecidos e apenas fornecer informações sucintas sobre aqueles que já mereceram diversos estudos e cujas biografias são razoavelmente conhecidas, como é o caso de Astrojildo Pereira, Octávio Brandão, José Oiticica e outros.

Um dos aspectos que contribui para a complexidade desse tipo de iniciativa é a necessidade de recorrer a uma gama muito ampla e muito diversificada de fontes na pesquisa e compulsar um volume de documentação considerável. Foram empregadas nesse trabalho desde fontes de uso corrente nos estudos sobre a história do trabalho, como folhetos, relatórios publicados, a imprensa operária e periódicos da grande imprensa, até fontes, ainda utilizadas de modo limitado nesses estudos, como a documentação de polícia, registros cartoriais, memórias.

Esses diversos tipos de fontes implicam, muitas vezes, em problemas específicos à natureza dessas fontes. As fontes policiais, por exemplo, além de suscitarem uma série de questões em torno da credibilidade de suas informações, ainda têm o acesso do pesquisador a certo tipo de documentos como os prontuários individuais restringido. Ao contrário do caso de São Paulo, em que a consulta aos prontuários individuais que fazem parte do fundo do Departamento de Ordem Política e Social no Arquivo do Estado de São Paulo é possível, o mesmo não ocorre no caso dos prontuários individuais que fazem parte dos fundos das polícias políticas no Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ), fruto de uma interpretação muito mais restritiva da legislação de arquivos por parte dos responsáveis pelo arquivo fluminense, ao exigirem a autorização de um familiar do indivíduo fichado para que a consulta possa ser realizada. Mesmo na remota hipótese em que o pesquisador encontre um descendente do indivíduo, cujo prontuário deseja consultar, e que aquele se disponha a autorizar a consulta, isso não garante o acesso à documentação. Desnecessário dizer o quanto prontuários individuais ajudariam para compor a biografia de um militante. De modo que, por documentação policial consultada nessa pesquisa entendam-se os fundos de polícias políticas do APERJ, sem os prontuários individuais, e, especialmente, a documentação que se encontra no Arquivo Nacional, tanto no fundo do Ministério da Justiça e Negócios Interiores, quanto no chamado GIFL.

Em virtude, da natureza das fontes utilizadas, mas também pelo critério principal de inclusão de nomes, que foi a participação em organizações, as

grandes ausentes desse dicionário são as mulheres. O número de verbetes sobre mulheres é bastante reduzido e não reflete nem de longe a importância dessas no movimento operário no período, como têm mostrado diversos trabalhos recentes¹⁸. Todavia, se as mulheres tiveram papéis centrais em movimentos de protesto e greves, como trabalhadoras, mas também como esposas, mães e filhas, o mundo das organizações de trabalhadores permaneceu um universo quase que exclusivamente masculino, contribuindo para que permaneçam ainda mais obscuras para a posteridade do que os trabalhadores homens.

Há um ponto final para uma obra deste tipo? O senso comum aponta para uma resposta negativa a essa pergunta retórica. Um dicionário com caráter tão abrangente está inevitavelmente carregado de um caráter provisório. Novas pesquisas, novas fontes abrem a possibilidade de complementação dos verbetes existentes e a inclusão de novos verbetes. Até mesmo no momento em que o volume de dados coletados justifica tornar públicos os resultados alcançados, sempre é preciso ter em mente o caráter provisório do conhecimento acumulado.

Colocar um ponto final em uma obra dessa natureza não é uma tarefa fácil, porquanto haverá sempre novas informações que possam vir a ser encontradas e é muito provável que tenha que sofrer atualizações em alguns anos. É evidente que novos dados podem ser descobertos a respeito deste ou daquele indivíduo ou organização, e, eventualmente, uma ou outra nova sociedade poderá ser levantada, porém é pouco provável que o universo de registros de organizações no *Dicionário* venha a ser consideravelmente alterado. Essa lógica evidentemente não se aplica às entradas biográficas, que podem ser constantemente ampliadas. Desse modo, se o número de organizações incluídas não deve estar muito distante do universo total de organizações existentes (dentro dos critérios adotados), as biografias aqui publicadas são – mesmo dentro dos critérios de delimitação empregados – apenas uma fração do universo possível de biografados.

Com todas as reservas e limitações apontadas, julguei que o resultado alcançado é suficientemente representativo e abrangente para colocar um ponto final (ainda que provisório) nesse *Dicionário do movimento operário*, que agora vai a público. Se o espírito de Maitron de dar lugar aos “obscuros e ativos” está de fato presente caberá aos leitores julgar, mas foi essa a preocupação que guiou essa iniciativa desde sua remota nascença.

RESUMO

Em diversos países foram lançados dicionários biográficos do movimento operário, desde o projeto francês iniciado por Jean Maitron em 1964, tendo por objetivo principal lançar luz sobre aqueles que o pioneiro francês chamou

de “obscuros e ativos”. Uma preocupação da mesma natureza está na origem do projeto de um dicionário do movimento operário brasileiro, cujo primeiro volume sobre o Rio de Janeiro já foi lançado. Este artigo discute a experiência do dicionário do movimento operário brasileiro e, mais particularmente, do volume já publicado, relacionando-a às demais experiências internacionais e descrevendo as dificuldades e características específicas desse projeto.

PALAVRAS-CHAVE

Dicionário; Biografias; Movimento operário; Rio de Janeiro.

ABSTRACT

Since Jean Maitron's French labor biographical dictionary began in 1964 similar projects were developed in other countries, all having as main concern to shed light on those Maitron called “the obscure and active”. The same concern is present, from its very beginning, in the Brazilian labor dictionary project, whose first volume dealing with Rio de Janeiro has already been published. This experience and its relation with other labor dictionaries published abroad, as well as the difficulties and peculiarities of the Brazilian case, are the subject of this article.

KEYWORDS

Dictionary; Biographies; Labor; Rio de Janeiro.

NOTAS

¹ Professor do Departamento de História da Unicamp, pesquisador do Centro de Pesquisa em História Social da Cultura (Cecult/IFCH/Unicamp) e coordenador do *Dicionário do movimento operário: Rio de Janeiro do século XIX aos anos 1920, militantes e organizações*. Contato do autor: batalha@unicamp.br.

² MAITRON, Jean. *Dictionnaire biographique du mouvement ouvrier français*. Paris: Editions Ouvrières, 1964, p. 16.

³ MAITRON, J. “Dictionnaire biographique du mouvement ouvrier français”. In GI-AGNOTTI, Felicia (Org.). *Storie individuali e movimenti collettivi: I dizionari biografici del movimento operaio*. Milão: F. Angeli, 1988, p. 23.

⁴ BATALHA, Claudio Henrique de Moraes. “Vida associativa: por uma nova abordagem da história institucional nos estudos do movimento operário”. *Anos 90*, Porto Alegre, (8), dez. 1997, p. 93.

⁵ Sinal dos tempos, em 1993, durante um colóquio em torno do dicionário francês, o sociólogo Michel Verret sustentou que “a história da vida operária nunca deveria ter sido feita, a não ser partindo da história das vidas dos operários e essa história partindo de suas histórias de vida”. Cf. VERRET, Michel. “Biographies, militances, dictionnaires”. In DREYFUS, Michel; PENNETEIER, Claude e VIET-DEPAULE Natalie

(Orgs.). *La part des militants. Biographie et mouvement ouvrier: Autour du Maitron, Dictionnaire biographique du mouvement ouvrier français*. Paris: Ed. de l'Atelier, 1996, p. 22.

⁶ A coleção denominada Dicionário Biográfico do Movimento Operário Internacional, publicada pela mesma editora de Maitron, Les Editions Ouvrières, depois transformada em Editions de l'Atelier, publicou volumes sobre a Alemanha, Áustria, Bélgica, Catalunha, China, Grã-Bretanha, Japão e Marrocos.

⁷ Ver PARIS, Robert. "Biographies et 'profil' du mouvement ouvrier. Quelques réflexions autour d'un Dictionnaire". *Babylone*, (4), 1985. Texto também publicado em GIAGNOTTI, *op. cit.*, p. 29-51.

⁸ GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: cotidiano de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

⁹ Ver particularmente SCHMIDT, Benito Bisso *Um socialista no Rio Grande do Sul: Antônio Guedes Coutinho (1868-1945)*. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 2000; SCHMIDT, B. *Em busca da terra da promessa: a história de dois líderes socialistas*. Porto Alegre: Palmarinca, 2004; TOLEDO, Edilene. *Travessias revolucionárias: ideias e militantes sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890-1945)*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

¹⁰ HECKER, Alexandre. *Um socialismo possível: a atuação de Antonio Piccarolo*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1988.

¹¹ DUARTE, Regina Horta. *A imagem rebelde. A trajetória libertária de Avelino Foscolo*. Campinas: Pontes/Editora da Unicamp, 1991.

¹² HOBBSAWM, Eric. *On History*. New York: The New Press, 1997, p. 190.

¹³ Ver, por exemplo, CHARLE, Christophe. "Du bon usage de la biographie sociale comparée ou les trois âges de la biographie collective". In DREYFUS; PENNETIER; VIET-DEPUALE (Orgs.), *op. cit.*, pp. 51-71.

¹⁴ MENDONÇA, Joseli Maria Nunes. *Evaristo de Moraes, tribuno da República*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

¹⁵ HOBBSAWM, *op. cit.*, p. 190-1.

¹⁶ Para uma discussão acerca do uso da prosopografia nos verbetes do dicionário dirigido por Jean Maitron, ver: PENNETIER, Claude. "Prosopographie des élus locaux de Paris et de la banlieu parisienne: étude quantitative des notices du Dictionnaire biographique du mouvement ouvrier français". In GIAGNOTTI (Org.), *op. cit.*, p. 93-106; e PENNETIER, C. "Les maires de la banlieu rouge: un approche prosopographique". In DREYFUS; PENNETIER; VIET-DEPAULE (Orgs.), *op. cit.*, p. 73-90.

¹⁷ BATALHA, C. H. M. (Coord.). *Dicionário do movimento operário: Rio de Janeiro do século XIX aos anos 1920, militantes e organizações*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

¹⁸ A título de exemplo ver BILHÃO, Isabel. *Identidade e trabalho: uma história do operariado porto-alegrense (1898-1920)*. Londrina: Eduel, 2008.